

São Paulo, jan-jun.26

# Rebento

## HISTÓRIA CONTRA-HEGEMÔNICA E MEMÓRIA DAS ARTES DA CENA:

ed.22

Experimentações e resistências artístico-pedagógicas

## **Apresentação: Linhas para o deslocamento sobre a memória e a narrativa histórica**

A publicação de número 22 da *Revista Rebento*, **História contra-hegemônica e memória das artes da cena: Experimentações e resistências artístico-pedagógicas**, foi organizada em torno de artigos submetidos à revista em fluxo contínuo, ao lado de produções enviadas no escopo de seus dossiês anteriores, mas revisadas e retornadas a nós pelos autores e autoras após a publicação a que originalmente se destinavam. Perfazem, assim, um conjunto múltiplo que, de certa forma, revê o percurso da *Rebento* em suas últimas edições, assim como diagnostica os temas emergentes nos debates sobre as artes contemporaneamente.

Esta edição examina como a narração de experiências – da sua elaboração ao compartilhamento – está marcada por disputas contínuas por espaço na construção da memória coletiva. Os materiais aqui reunidos discutem o agenciamento de sujeitos e coletividades na construção social da memória, do qual depende a transformação do entendimento acerca daquilo que será lembrado, transmitido e consagrado ou, em outra direção, negligenciado, silenciado e, por fim, esquecido. São, portanto, expressões grafadas que se somam ao esforço de enfrentar as diferentes formas de apagamento histórico, causadas por privilégios e impasses sociais, econômicos ou políticos, notáveis nos campos da criação cênica, da produção visual e da pedagogia.

As variações entre temáticas e campos de interesse que encontramos nesse conjunto maior, definido pela compreensão da importância de múltiplas enunciações para a constituição e as ampliações do imaginário, permitiu que os registros fossem reagrupados em três blocos, assim delimitados: I – Relatos do agora; II – Narrativas da memória; e III – Cultura visual, imagens e o fazer da história. Desse modo, procuramos destacar as acentuações expressas nos variados registros de experiências pedagógico-estéticas agora publicados na *Rebento*, que têm em comum o compromisso de valorização de modos de atuação e abordagens contra-hegemônicas.

O texto de abertura da edição 22, no Bloco I – Relatos do

agora, ficcionaliza um diálogo com uma figura da tradição oral afro-indígena e popular que habita o imaginário coletivo brasileiro, o Saci. **Praticar espaços e cuspir antidisciplinas ou uma carta para o Saci: Reflexões sobre a arte-educação e a resistência no contexto escolar**, de Tatiana Aparecida Teodoro da Silva, baseia-se em um gênero textual considerado menor nos ambientes literário e acadêmico, a carta. Inaugurando a Rebento 22, esse modelo de escrita performativa que reedita o estilo epistolar, a serviço da temática da educação, faz as vezes de um convite ao/à leitor/a para adentrar o universo de saberes e fazeres dissidentes que compõem a atual edição. Fomentando a sensação inquietante de compartilhar uma comunicação entre íntimos, esta carta ao Saci nos leva a pensar sobre as potencialidades do imprevisível e da desestabilização da ordem cotidiana.

O segundo artigo, **Na bandeira do Brasil cabe o lema “Fogo nos racistas”?: A criança performer no tensionamento entre o racismo e a escola**, de Daniel Vianna Godinho Peria e Verônica Veloso, explora uma experiência educacional na E.E. Prof. Adolfo de Arruda Castanho que mescla aulas de performance e intervenções artísticas a partir da materialidade da Bandeira Nacional. Na esteira da discussão sobre a perspectiva formativa por meio da performance, problematiza-se o racismo no ambiente escolar e o valor das ações de conscientização antirracistas.

No terceiro artigo, **Dimensões políticas e decoloniais da arte e da educação teatral**, Fernando Bueno Catelan confronta os limites das concepções sobre teatro e política, reafirmando que a produção artística alheia a essa trama perpetua as hierarquias sociais dominantes. A discussão, que considera as relações entre a nova cena política, a poesia e a abstração, reposiciona a questão do sentido da arte e sua inseparabilidade da atitude política. Para isso, Catelan realiza uma incursão pelas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), localizando a segregação entre as linguagens artísticas e a educação como um território de tensões, onde também pesam a rigidez ideológica e a despolitização da sociedade.

O texto de número quatro, último deste primeiro bloco, resenha o livro *Manuel des études théâtrales: les arts de la scène et du*

*spectacle* (2024), organizado por Martial Poirson. Zadig Gama assina **Manual dos Estudos Teatrais: as artes do palco e do espetáculo**, adotando o nome da obra francesa para mostrar do que se trata esse guia abrangente sobre a estética e os ofícios do palco. No manual, a linearidade temporal é rompida, visto que Poirson vai do passado ao presente e ao passado, buscando dar contorno ao devir. Por isso, esta resenha faz a passagem entre os blocos I e II da edição 22 da Rebento: Zadig Gama resume como o estudioso francês combinou fundamentos teóricos, históricos e práticos do teatro, tratando também da historiografia, do texto dramático, da interpretação e das políticas da cena hoje, sem deixar de lado assuntos da atualidade que apontam para o futuro, a exemplo das tecnologias digitais no teatro e da hibridação entre as artes.

Inaugurando o bloco II – Narrativas da memória, o quinto artigo da edição 22, intitulado **Os Dilettantes: trajetória e memória de um grupo de teatro amador em São Paulo nos anos 1950**, de Luiz Campos, aborda o percurso do grupo de teatro *Os Dilettantes*. A história do coletivo acrescenta novos elementos ao que se conhece como o movimento dos amadores em São Paulo, apresentando as contradições entre interesses estéticos, procedimentos de criação e modos de produção e organização desse grupo nascido no bojo de uma instituição financeira. A análise de documentos históricos permite a reescrita desse movimento que foi determinante na circunscrição do teatro moderno brasileiro, e cujas marcas ainda podem ser localizadas nas criações em artes cênicas de pesquisa paulistanas e no teatro brasileiro profissional.

**A cena em trânsito: uma análise do grupo musical Caldo de Cana**, de Patricia Freitas dos Santos, é o sexto artigo da série. Um desdobramento de uma pesquisa de doutorado sobre a trajetória de Augusto Boal, o texto centra sua atenção na fundação do grupo musical *Caldo de Cana*, fruto da resistência de artistas no exílio. A partir do detalhamento do espetáculo *Canción del exilio*, a autora analisa como os/as artistas exilados/as em Buenos Aires reuniram-se para denunciar as ilegalidades dos regimes militares latino-americanos, no clamor das lutas contra os autoritarismos, em 1974.

No sétimo artigo, **Macacos e sua justaposição à narração**, de Chrislen Ribeiro, a discussão sobre a dramaturgia de *Macacos*

(2022), de Clayton Nascimento, serve à reivindicação de uma posição própria, no panorama dos estudos sobre o drama e da teoria dos gêneros, para a escrita teatral implicada com as experiências do ser negro hoje. A análise dos recursos utilizados no texto original (que teve publicação em 2022) e na encenação de mesmo nome, por fim, articula a dramaturgia do teatro negro à encenação de Nascimento, às práticas narrativas tradicionais africanas, pareadas ao conceito de teatro pós-dramático, e à denúncia social por meio da arte.

Em **(Des)ocupar a violência: as danças Deixa arder (2017) e Lasciva (2018)**, artigo de número oito, Renan Marcondes Cevales estuda duas obras de dança que tematizam e questionam a violência como prática social e de controle espacial. Em *Deixa Arder*, o acúmulo e o empilhamento de gestos que remetem à docilização do corpo negro resultam em uma proximidade excessiva, quase repulsiva, entre a performer e o/a espectador/a. Em *Lasciva*, Regina Parra e Bruno Levorin partem de retratos de pacientes diagnosticadas como histéricas no Hospital Salpêtrière, para criar uma coreografia em que duas performers recusam o contato com o público e desprezam sua presença. As duas estratégias de tratamento da espacialidade e das relações que ela provoca, na hipótese de Cevales, são formas de agenciamento que rompem com a submissão dos corpos pelas normas de ocupação da cena.

Ainda no escopo do bloco II, como contraponto às formas de escrita de uma carta, dos seis artigos reflexivos e de uma resenha que expusemos até aqui, estão incluídos uma entrevista e uma tradução inéditas. Em **Ator, poeta, dramaturgo, professor: entrevista com Otávio Cabral**, José Rafael Madureira reproduz a entrevista com o ator, poeta e dramaturgo Otávio Cabral, professor titular do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Neste que é o nono texto desta edição, Otávio Cabral homenageia o artista alagoano e, abordando sua carreira exemplar na área da literatura dramática, faz um apanhado da dimensão social, política e educacional do teatro.

**Dois métodos, mesmas origens, diferentes resultados**, tradução de Rafael Percino a partir da seleção de Lúcia R. V. Romano de trechos assinados pelo encenador e pedagogo islandês Egill Pálsson, compara dois importantes métodos de criação e direção

teatral: a Análise-Ação, vinculada a Stanislávski e Maria Knebel, e a Teoria da Montagem de Atrações, desenvolvida por Meyerhold e Eisenstein. Este décimo texto configura, desse modo, um resumo interessante de duas possibilidades de criação que não se restringem às pedagogias modernas de origem eurasiânica, mas indicam caminhos úteis para os processos criativos na contemporaneidade, a serem adaptados em diferentes contextos geográficos.

O bloco III – Cultura visual, imagens e o fazer da história é inaugurado com o artigo de número onze, **Silêncio insurgente: rasuras visuais e a descolonização do olhar na arte contemporânea**, de Tiago Negrão de Andrade. A análise de práticas visuais decoloniais que utilizam o silêncio, a rasura e a opacidade são discutidas como estratégias críticas avessas à colonialidade do olhar. Tendo como referências as obras de Rosana Paulino e Denilson Baniwa, o autor pontua que a descolonização do sensível demanda uma reorganização das infraestruturas da memória para além dos mecanismos tradicionais de representação.

**Aproximações entre livros ilustrados, livros-imagem e teatro: um estudo sobre *As aventuras de Bambolina***, de Lucas Larcher, é o décimo segundo artigo deste volume. O texto aborda as tipologias de livros ilustrados e livros-imagem, traçando aproximações dessas obras literárias com o teatro, por meio do destaque às modalidades de teatralidade presentes nesses tipos de publicação.

O relato de experiência **Elogio à transferência: impressão e circulação da imagem fotográfica no contexto brasileiro**, de Lucas Eskinazi, décimo terceiro manuscrito da edição 22 da Rebento, sugere uma imersão na elaboração do trabalho *Caillouis*, apresentado em 2025 no Centro Cultural MariAntonia da USP, no contexto da exposição *São Paulo cidade, sinais, manchas e sombras*. O autor abre a porta do ateliê para tratar da impressão de imagens utilizando a técnica de transferência com o auxílio de solventes, numa produção que envolveu experimentações com transferência de imagens, impressões *fine art* e jato de tinta, explorando os limites entre o controle técnico e o acaso.

A escrita ensaística completa este terceiro e último bloco. O décimo quarto manuscrito, **Ensaio-Poema: conversa nas margens da língua**, de João Paulo Ferreira Silva, arrisca um pensamento

em estado de poema. O texto perpassa assuntos pertinentes à linguagem, à subjetividade e ao conjunto relacional de humanos e não humanos, criando um híbrido entre filosofia, poesia e pesquisa acadêmica.

Para fechar essa coleção, o **Ensaio visual: Elogio à transferência**, também de Lucas Eskinazi, possibilita a apreciação visual de processos e procedimentos à beira do apagamento, desafiando a supressão e a efemeridade com diferentes formas de finalizar e fazer circular imagens.

O primeiro bloco desta edição atualizou o trânsito entre artes e educação, indo da ocupação dos espaços formativos por práticas artístico-educativas dissidentes à cartografia ampla do que se vê hoje nos espaços de ensaio e na criação cênica mais recente, e constituindo dispositivos de denúncia e proposituras coletivas de agenciamento sobre a realidade. O segundo bloco voltou-se às releituras da historiografia e da estética das artes cênicas, provocadas pela revisão do campo teórico frente às invenções do teatro afro-diaspórico e às potencialidades do corpo e do espaço nas criações em dança e performance; bem como pela análise de novos documentos sobre grupos teatrais e artistas da cena. O terceiro bloco reuniu transações elaboradas nos territórios da visualidade e da escrita, tomando o suporte como campo de experimentações das palavras e das imagens, em resposta aos apelos da experiência e aos dilemas da contemporaneidade.

Desejamos que esse trajeto da edição de número 22 da Revista Rebento resulte numa ótima leitura.

Élder Sereni Ildefonso

Lúcia Regina Vieira Romano